

“DESCULPE, TIA!”: RETRATO DE UMA NOVA ORDEM AFRICANA

“DESCULPE, TIA!”: PORTRAIT OF A NEW AFRICAN ORDER

Francielle Nogueira Fernandes Teodoro *

Resumo

Este artigo analisa, no conto do escritor angolano Manuel Rui, “Desculpe, tia!”, da obra **Estórias de Conversa** (2006), algumas estratégias literárias que concretizam, na cena textual, as relações entre as personagens Valódia e D. Mizé.

Palavras-chave: Margem; Distanciamento; (Des)Valorização; Estratégias literárias.

Um breve olhar pelo conto

O conto “Desculpe, tia!”, de Manuel Rui, é um dos cinco contos da obra **Estórias de Conversa**, publicada pela primeira vez em 2006. A obra explora, em todos os contos, uma linguagem nua e crua, ou seja, parte da oralidade, das conversas, e constrói histórias que circulam num universo em que realidade e ficção não obedecem às linhas de fronteira. As histórias, recheadas de ironia e humor, trazem à tona narrações de guerra e sonhos de paz de um povo africano que, apesar de tudo, não deixa de ter a dignidade e a esperança em tempos melhores.

* Mestre em Literaturas de Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
E-mail: franfernandes28@gmail.com

O conto focado por este artigo é narrado em terceira pessoa, sendo que o narrador utiliza bastante do recurso do discurso direto. Esse recurso torna mais ágeis as intervenções das personagens na história contada por um narrador que, segundo Tacca (1983), é onisciente, pois tem o conhecimento maior do que é possível às personagens. Ou seja, o narrador do conto conhece mais as personagens e as ações desempenhadas por elas. Além do mais, utiliza o recurso da ironia e, muitas das vezes, causa um mal estar no leitor, distanciando as personagens num mesmo espaço narrativo.

Valódia, sobrinho da tia Mizé, vai visitá-la na esperança de almoçar com a tia e de ganhar um trocadinho por ter tirado boas notas na escola. Toda essa expectativa é criada por sua mãe, D. Ana. Porém a esperança de sucesso é quebrada, pois ele não é tão bem recebido por sua tia. O que Valódia espera de sua tia é a vivência das tradições angolanas, porém a tia, atualmente, situa-se em uma nova ordem, na qual as tradições não são mais tão valorizadas.

Como bem acentua a pesquisadora Macedo (2008), “Manuel Rui trabalha suas estórias a partir da matéria do presente, acompanhando as potencialidades da língua portuguesa falada hoje nas ruas e becos de Luanda” (MACEDO, 2008, p. 57). Nesse conto, podemos notar o distanciamento de D. Mizé das tradições, da família e dos costumes religiosos, demonstrando as intensas modificações que caracterizam a atual situação vivida pela sociedade angolana.

Ao chegar à casa da tia, percebe-se que o criado parece surpreendido por ele, Valódia, não conhecer a residência de D. Mizé: “Pára aí, você parece nem conhece a casa da irmã da tua mãe!” (RUI, 2006, p. 33). Não parece; Valódia realmente não conhece. Após ter casado com um homem rico, D. Mizé não faz mais parte de Viana, bairro de Angola, e da família. Ou seja, ela pertence a outro mundo: o dos ricos. Ao descrever a casa, o próprio narrador assume o olhar da personagem Valódia, quando se imagina num cenário de ficção: “(...) deparou-se num salão parecia nos filmes” (RUI, 2006, p. 33), “lembrou outra vez de filmes e telenovelas” (RUI, 2006, p. 34).

Surpreendido com a beleza física do local, Valódia mostra-se educado e tradicionalista ao pedir a bênção da tia. Arrogante, D. Mizé quebra com o costume, dizendo que “isso de bênção era antigamente” (RUI, 2006, p. 34). No decorrer da narrativa, a ironia marca fortemente o novo status da nova rica, D. Mizé, quando

esta declara a Valódia que realmente nem é irmã de D. Ana; elas são apenas primas: “Naquele tempo assim as primas, às vezes nem isso, que viviam todas juntas tratavam-se por irmãs e não eram” (RUI, 2006, p. 37). Após ter ficado rica, D. Mizé distancia-se de suas origens e dos costumes angolanos, pois passa a compreender que o dinheiro é o bem mais precioso. Na nova situação, D. Mizé entende que o dinheiro é o bem mais preciso e que, se Valódia fosse como seu marido, nem a chamaria de tia. D. Mizé agora valoriza o que vem de fora. Quando Valódia chega à sua casa, ela está assistindo à novela brasileira. E quando o sobrinho menciona que a mãe o enviou para que pedisse emprego para o pai, D. Mizé diz que os seus funcionários são de uma empresa inglesa. Chegando até a ironizar o pedido para o pai de Valódia, quando diz:

Não digas asneiras, e o teu pai vinha aqui fazer o quê? Acidente com carro, é? Guarda-costas? Os guardas que trabalham aqui são de uma empresa de segurança treinada por ingleses, ouviste? Era o que faltava parentes de kimbundu virem trabalhar aqui. Isso até é abuso (RUI, 2006, p. 38).

A margem

Além do distanciamento familiar, o desprezo às tradições e costumes angolanos, D. Mizé cria uma fronteira rígida entre ela e seu sobrinho, Valódia. Quando ele chega à residência de sua tia e senta-se à mesa, o narrador comenta que “Valódia sentou-se no cadeirão que estava mesmo à sua frente. Dominou a respiração. Contou, de cabeça, os cadeirões. Quatro de um lado e quatro do outro mais o da tia e mais onde ele se sentara.” (RUI, 2006, p. 36). Ou seja, Valódia sentou-se numa ponta e D. Mizé em outra, separados por quatro cadeirões. Essa distância física, que no decorrer da narrativa mostra-se ser também financeira, familiar e até de crença a outros valores, demonstra o tanto que as personagens são diferentes; cada uma está situada em uma margem distinta. É irônico o fato de, durante toda a visita, D. Mizé passar comendo. Valódia fica só olhando, já que a tia sequer lhe oferece algo, como reza a tradicional hospitalidade africana. O narrador acentua a ironia da situação:

Valódia tinha saído de jejum muito cedo para apanhar autocarro ou candongueiro com os cem kwanzas que a mãe lhe dera para ida e volta, “meu filho ainda podes poupar metade de volta que a tua tia vai-te dar dinheiro só de saber que tu és grande aluno nas notas que tiraste e assim, nessa hora de ires muito cedo já matabichas lá e depois almoças com a tua tia Mizé” (RUI, 2006, p. 32).

Sem almoço e com a barriga roncando de fome, por ter saído de casa cedo, Valódia não come nada na casa da tia, já que ela nada lhe oferece. Ao mesmo tempo, passa o tempo todo sentado com ela à mesa, tentando olhá-la sob os castiçais, pois “é falta de educação falar com uma pessoa mais velha sem olhar nos olhos dela” (RUI, 2006, p. 37). Mesmo com todo o desleixo da tia, Valódia tenta ao máximo educado.

A ironia da situação é acentuada pelo uso da expressão “Desculpe, tia!”, que é também o título do conto. A expressão é usada onze vezes na narrativa. Após uma atitude ou uma pontuação de D. Mizé, Valódia sempre pede desculpa. Desculpando-se por não fazer parte daquele mundo? Ou apenas demonstrando que a nossa personagem, representante do povo simples de Angola, tem um coração enorme e conserva traços da educação ensinada pelos mais velhos, pela tradição que é seguida nos espaços ainda não inteiramente alterados pelos novos costumes.

Quando Valódia pede para ir ao banheiro, a tia solicita que a empregada leve-o a “casa de banho ao pé da cozinha” (RUI, 2006, p. 39), subentendendo-se que seja o banheiro de empregados. Assim, acentua-se a desvinculação dos laços afetivos entre D. Mizé e os membros de sua família. Fica claro que ela está recebendo a visita de Valódia apenas porque seu segurança não o soubera despachar conforme ela lhe tinha ensinado. O narrador acentua a tristeza de Valódia, perdido naquele espaço tão frio e distante do seu, e certo de que ali ele não era desejado: “Valódia ficou na casa de banho até soluçar as lágrimas todas” (RUI, 2006, p. 39). Ele nota todo o desprezo da tia e só pensa em como ir embora o mais rápido possível.

Pode-se concluir que D. Mizé cria uma fronteira entre ela e seu sobrinho. Não há mais laços que prendam essas personagens, já que D. Mizé não se vê mais pertencente ao mundo de Valódia e dele quer-se afastar o mais possível. Para tia, não há como pertencer aos dois mundos: só se pode pertencer a um com o distanciamento do outro. E uma vez que se torna rico, perdem-se todos os laços afetivos, passam a existir apenas os valores legitimados pelo capitalismo.

O próprio nome das personagens cria uma inversão irônica. Durante a narrativa, encontram-se duas formas de ortografia do nome da tia: Misé e Mizé. Isso remete a duplicidade do português falado para o português escrito e, ao mesmo tempo, a duplicidade da tia que no passado era uma e no presente é outra, ou pode se dizer que, quando era pobre, tinha uma vida e, quando se tornou rica, mudou totalmente.

O nome Valódia parece reportar, quando se pesquisa sobre a história de Luanda, a um comandante que tombou vítima das balas na “Revolta do Leste”. “Valódia” é também uma canção gravada na voz do cantor angolano Santocas, do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) na altura de 1974, que exalta tal comandante que deu a vida em defesa do povo angolano. Quando nos remetemos à personagem Valódia do conto de Manuel Rui, percebe-se que ele é um menino de muitos valores. E, além de tudo, suas atitudes reforçam uma defesa de si e da sua família e inconscientemente a todo o povo angolano. Valódia é pequeno, mas de grandes atitudes.

Valódia: um angolano fora da Nova Ordem

A partir do modo como a narrativa é construída, valendo-se do abundante uso do discurso direto, pode-se deduzir que esta estratégia torna-se hábil para permitir que o leitor tome o partido de Valódia. Mostrado, em suas falas, como fruto de valores que se mantêm entre o povo, é uma criança obediente que, por incentivo da mãe, vai visitar sua tia na esperança de ser bem recebido e ganhar uma gorjeta por ter tirado notas boas no colégio. Porém, tais valores nada significam para a tia tornada rica e desejosa de cortar os laços com a família.

Mesmo decepcionado, Valódia não pensa em si, porque para ele é mais importante evitar maiores sofrimentos à mãe tão marcada pelas agruras da vida:

(...) não posso contar na minha mãe para ela não arranjar mais uma maneira para contar de chorar e assim ainda tenho que inventar mentira para contar na mãe mas tem que ser uma mentira que a mãe não me cobre o que é que ela te deu ou se arranjou emprego no teu pai (RUI, 2006, p. 41).

Nosso herói, mesmo ressentido, para não deixar a mãe magoada ao saber como foi a estadia do filho na casa da irmã, cria uma ficção; ele elabora a narrativa da visita a partir de outro ponto de vista. Para isso, tem de pensar em todos os detalhes para não ser pego em mentira ou omissão. O modelo de ficção que Valódia utiliza parte das telenovelas, provavelmente as brasileiras. Percebe-se, durante a narrativa, como essas novelas estão presentes no dia a dia do povo de Angola. Os angolanos veem essas novelas como um deslumbramento e com o desejo de ter aquelas ficções em sua realidade:

Valódia a reverificar na memória que tinha tudo registrado para não contar à mãe. As comidas. O interior da casa. Os televisores, os sofás, as mesas, os cadeirões, a vestimenta de Elisa como nas telenovelas. E agora os papagaios. A reverificar e a pensar que, entretanto, com todos aqueles elementos poderia contar à mãe a estória de mentira como tendo comida tantas mais que se empanturra com a educação que a tia até lhe estivera sempre a insistir come mais, come mais meu sobrinho que és um grande aluno e devias já ter vindo aqui, que andavas-te a esquecer da tua tia Misé (RUI, 2006, p. 41-42).

Nesta história (re)inventada, percebe-se não só a preocupação com a mãe mas também como Valódia gostaria de ser tratado pela sua tia, se tudo acontecesse de modo totalmente inverso. No final do conto, nota-se o quanto o nosso herói é digno. Ao solicitar que a empregada tire a mesa, D. Mizé pergunta se Valódia já tinha almoçado. Ele responde positivamente. Ao lhe dar o dinheiro da passagem, ele recusa. Quando começa a chorar e a tia pergunta se ele precisa de alguma coisa, ele responde que não precisa mais da tia. Ele, enfim, liberta-se, percebendo que o bem mais precioso que existe é a sua dignidade.

Conclusão

O conto “Desculpe, tia!”, da obra **Estórias de Conversa** (2006), retrata uma Angola atual, na qual os antigos valores e os costumes estão perdidos. Motivado pelos meios de comunicação, o conto descreve o abandono dos laços que ligam o indivíduo a sua família e à coletividade. Ironizando essa situação, o conto nos mostra que uma criança, como símbolo do futuro da nação desejada, é capaz de valorizar os costumes e a família. A esperança fica legitimada no comportamento da

criança, pois esta é descrita como dotada de dignidade e sabedoria. Os adultos da nova ordem regem-se por outros valores e estão em busca dos bens a serem conquistados pelo dinheiro.

Quanto à estruturação do conto, o constante uso do discurso direto e a presença do narrador, que tem a função de contador, são elementos que se ligam às narrativas orais e à sua função formativa e, pode-se dizer, didática. Como o próprio título da obra, **Estórias de Conversa**, demonstra, os contos partem das histórias orais nas quais a realidade e a ficção se misturam, não havendo por isso uma separação entre esses espaços.

Abstract

This article examines in the story of the Angolan writer Manuel Rui, “Desculpe, tia!”, from the work **Estórias de Conversa** (2006), some literary strategies that realize relationships between the characters Valódia and D. Mizé in the textual scene.

Keywords: Margin; Distance; (De)valuation; Literary strategy.

Referências

MACÊDO, Tânia. **Luanda, cidade e literatura**. Luanda/SP: Nzila/UNESP, 2008.

RUI, Manuel. Desculpe, tia! In: RUI, Manuel. **Estórias de Conversa**. Lisboa. Caminho, 2006.

TACCA, Oscar. O narrador. In: TACCA, Oscar. **As vozes do romance**. Trad. Margarida Coutinho Gouveia. Lisboa: Almedina, 1983. p. 61-103.